



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI
27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

A ATUAÇÃO DOCENTE NO PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS LINGUÍSTICOS EM UM 4º ANO

Jonas Guilherme Vieira

jonasvieira_10@hotmail.com

FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau

Eixo temático: Educação e Linguagem

Resumo: Este trabalho objetiva analisar como se configura o processo discursivo de sistematização da linguagem escrita em uma turma de 4º ano. As discussões teóricas propostas para este trabalho estão fundamentadas em abordagens sobre (i) os letramentos, ao considerar as práticas no contexto da aula de Língua Portuguesa; (ii) a prática docente, ao abordar o papel do professor no processo da sistematização; (iii) as interações por meio da linguagem sendo o professor um mediador ativo entre conhecimentos linguísticos e os alunos. São dados provenientes de uma pesquisa de mestrado em andamento. Para geração dos dados foram gravadas em áudio duas semanas de aula de Língua Portuguesa, ministrada por uma professora de um 4º ano de uma escola da rede estadual de ensino de uma cidade no Vale do Itajaí. As análises iniciais indicam um cuidado por parte da professora em dar voz aos alunos no processo de construção do conhecimento. Duas observações foram elencadas: a) análise de gêneros discursivos, especificamente do poema; b) a revisão sobre substantivos partindo dos conhecimentos já produzidos pelos alunos. São dois exemplos, mas já permitem compreender que a sistematização dos conhecimentos linguísticos é um processo complexo por envolver diferentes saberes e modos de interação.

Palavras-chave: Sistematização. Prática docente. Língua Portuguesa.

1. Introdução

O trabalho com a linguagem vem sendo discutido com frequência. Considera-se, com base em Rojo (2000), que a construção do saber escolar, no que tange à linguagem ao discurso, se concretiza em eventos de letramentos nos quais os participantes interagem a fim de também realizar a sistematização do conhecimento linguístico. A partir dessa proposição, o presente artigo tem como objetivo analisar como se configuram os processos discursivos de sistematização da linguagem escrita em uma turma de 4º ano.

Para Street (2014) o conceito de letramento trata de práticas sociais de uso da linguagem escrita, que são caracterizada pelas formas que a leitura e a





escrita assumem, na sua forma concreta, nos contextos sociais, tendo-se como elemento chave as demandas propostas e praticadas pelos sujeitos.

Enquanto que para KLEIMAN (2002, p.18),

O letramento, então, significa uma prática discursiva de determinado grupo social, que está relacionada ao papel da escrita para tornar significativa a interação oral, mas que envolve, necessariamente, atividades de ler e de escrever. As crianças são letradas no sentido de possuírem estratégias orais letradas, antes mesmo de serem alfabetizadas.

As discussões teóricas propostas para este trabalho estão fundamentadas em abordagens sobre (i) os letramentos, ao considerar as práticas no contexto da aula de Língua Portuguesa; (ii) a prática docente, ao abordar o papel do professor no processo da sistematização; (iii) as interações por meio da linguagem sendo o professor um mediador ativo entre conhecimentos linguísticos e os alunos.

Para tanto, foram selecionados dois momentos: a) a análise de gêneros discursivos, especificamente do poema; b) a revisão sobre substantivos partindo dos conhecimentos já produzidos pelos alunos.

Após essa breve introdução, passa-se para a seção de apresentação dos aspectos metodológicos que norteiam esta pesquisa. Em seguida, são expostos os dados e discutidas as teorias que embasam esta discussão. Por fim, são apresentadas as considerações sobre o trabalho.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa uma vez que

“A investigação qualitativa em educação assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos. [...] Os dados recolhidos são designados por **qualitativos**, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, [...] Privilegiam essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação.” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 16, grifo do original).

Em outras palavras, a forma que esta pesquisa assume em um caráter qualitativo é de buscar compreender o contexto da sala de aula





especificamente na disciplina de Língua Portuguesa para compreender a sistematização nos processos discursivos de escrita. Os pormenores da pesquisa estão relacionados com os dados que são gerados nos processos de observações, além dos pré-julgamentos feitos em relação às escolhas metodológicas das professoras.

Dentro dos tipos de pesquisas qualitativas encontra-se a pesquisa de cunho etnográfico. Este tipo de pesquisa caracteriza-se por responder o quê/como e não o porquê das ações presenciadas pelo pesquisador.

A escola está localizada no centro da cidade e atende cerca de 1.000 alunos nos períodos matutino, vespertino e noturno; oferece desde o 1º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio. Por ser uma das maiores escolas da cidade e estar localizada no centro, vêm alunos de todos os bairros.

O instrumento para geração dos dados propostos aqui para discussão foi a gravação em áudio, uma vez que “[...] torna a documentação de dados independente das perspectivas – do pesquisador e dos sujeitos em estudo. Argumenta-se que, por meio desse sistema, obtém-se um registro naturalista dos eventos [...]” (FLICK, 2009, p. 266).

3. Discussão e análise dos dados

O letramento é um termo recente, foi criado e colocado em meio à educação e na linguagem a pouco mais de vinte anos, por necessidade de caracterizar as práticas sociais nas áreas da leitura e escrita, como uma maneira de ultrapassar de forma infinita a alfabetização. Com o passar do tempo o letramento ganhou viabilidade perante a sociedade que por sua vez obrigou-se a utilizá-lo de forma mais aprofundada por exigências do crescimento de atividades profissionais e educacionais revelando a insuficiência de apenas alfabetizar.

A origem do termo ‘letramento’ é da palavra inglesa *literacy*,

[...] literacy vem do latim littera (letra), com o sufixo –cy, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser. Ou seja: literacy é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever.





XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI
27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

Implícita nesse conceito está à ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. Letramento é, pois o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever. (SOARES, 2003, pp.17-18).

Diante dessas relações escolares, é papel do professor mediar conhecimentos de formas de leitura e de escrita para que seus alunos tomem o poder deste elemento socializador dominante, como conclui Street (2014).

Quando se traz a conceituação dos letramentos primários e secundários, tem-se a intenção de chamar a atenção de que os letramentos são práticas aprendidas em contextos específicos, de formas particulares de aprendizagem.

Uma abordagem que vê o letramento como prática social crítica torna explícita, desde o início, os pressupostos e as relações de poder em que tais modelos destes letramentos se afundam. Em contraste com o argumento de que os aprendizes não estão “prontos” para essa interpretação crítica enquanto não atingem estágios ou níveis mais altos. (STREET, 2014, p.155).

No que se refere à escrita e a outras práticas de letramento em contextos educacionais, três modelos são propostos para orientar educadores: o das habilidades (que preocupa-se com o uso da modalidade escrita no nível da superfície e se concentra no ensino de aspectos formais da língua; por exemplo, estrutura da sentença, gramática, pontuação), o da socialização acadêmica (que reconhecem que áreas temáticas e disciplinares utilizam diferentes gêneros e discursos para construir conhecimento de maneiras particularizadas) e o dos letramentos acadêmicos (que baseia-se nos das habilidades e da socialização acadêmica, mas vai mais além do modelo de socialização acadêmica, por exemplo, ao focalizar as relações entre poder, autoridade, produção de sentido e identidade, implícitas às práticas de letramento em quadro institucional específico).

Analisando documentos oficiais, norteadores do trabalho docente, como a Proposta Curricular Nacional, e diante dos desafios advindos das práticas de letramentos, sugere-se levar em consideração questões como as necessidades e especificidades individuais dos alunos quando se tratar de seus erros, suas hipóteses para elaboração da leitura e da escrita.





Sendo assim, percebendo a falta de entendimento das crianças com relação a textos e frases e com a evolução e necessidades de uma sociedade, percebeu-se que esse método tradicional usado de forma única torna-se ineficaz, pois a criança traz consigo conhecimentos prévios e que precisam unir-se a outros para a construção de conhecimentos e que o método tradicional desconsidera.

3.1 Os dados para discussão,

A primeira situação trazida para análise é de uma aula em que a professora trabalha alguns conceitos referentes ao poema. A professora escreve um poema no quadro e depois alunos vão construindo os conceitos em conjunto com ela. Depois disso, eles próprios criam seu poema.

Professora: Um poema é composto de...

Daniela¹: Versos e título

Professora: Quem falou?

Alunos: ((apontam para a Daniela e dizem)) ela

Professora: só podia ser das meninas mesmo

Professora: A gente pode por o autor aqui juntinho ou lá embaixo depois do poema?

()

Professora: Ontem o poema que eu inventei aqui na hora tinha quantos versos?

Alunos: Quatro

Professora: Vou deixar só três agora, tem gente que vai ficar achando toda vida que tem que ter quatro.

Professora: É: que que é um verso mesmo?

Alunos: É uma linha

Professora: É uma linha, por exemplo, eu escrevo, escrevo, escrevo, daí pulei uma linha pra fazer uma outra estrofe. Essa linha vazia também é verso?

Alunos: Não

Professora: então vamos arrumar esse conceito. Então verso não é a linha. É a linha...

Ana: é a linha escrita.

Professora: menos a Ana, o que é a estrofe?

Daniel: É o conjunto de versos.

Professora: Tá, quem pode formar o conceito de rima?

Pode exemplificar e a gente faz o conceito.

Professora: fora com agora né?

¹ Foram dados pseudônimos aos alunos.



*Eu sou não sei quem estou saindo fora
Eu sou não sei o que lá estou chegando agora
Então a rima que ele mostra ali é fora com
Alunos: Agora
Professora: Esse foi um exemplo de rima, mas eu quero escrever com vocês o
que é rima.
Ana Luiza: Rimas é o conjunto de palavras que combinam.
Professora: faz sentido, como podemos organizar isso?
Daniela: **[Prô, é um conjunto de vogais que dão a mesma vogal, né,
mesma²**
Professora: sonoridade
Daniela: [isso
(...)*

No momento em que a educadora interage com os alunos é um momento de construção coletiva dos saberes lingüísticas sobre o gênero poema. Durante a explicação e construção dos conceitos já estabelecidos em seu planejamento a professora envolve os alunos nessa atividade de reflexão, e isso ultrapassa simplesmente a mera cópia do que é uma rima, um verso ou uma estrofe; ela vai construindo e buscando junto com eles o que é cada uma delas. Neste excerto podemos perceber uma dimensão social da sala de aula e do evento analisado, pois é perceptível a interação entre texto e sujeitos.

Na proposta de criarem um poema em conjunto a professora está permitindo uma interação entre os sujeitos e entre sujeitos e linguagem, e vale a pena destacar que o tema para criarem o poema foi sobre o recreio, um outro momento dentro do contexto escolar e que eles também interagem entre si, e que faz parte da rotina dos alunos. A escrita de um poema é uma prática dos letramentos promovidos pela escola, mas a leitura desses textos acontecem em outras esferas em que os alunos estão inseridos.

Chama-se a atenção para o uso recorrente das reticências, que aqui nessas situações ora apresentadas configuram uma atitude de professora mediadora, bem como em momentos que ela retoma decisões feitas anteriormente com o grande grupo.

“Prô, é um conjunto de vogais que dão a mesma vogal, né, mesma[...]”
No trecho da aluna Daniela vemos o uso do marcador conversacional **né**, e esta também é uma tentativa de confirmação por parte dos alunos para

² Os trechos destacados em negrito nas situações de interação são os que serão foco das discussões.



verificar suas linhas de raciocínio e se é aquilo que a professora gostaria que eles alcançassem.

Ao trabalharmos com uma perspectiva de que a interação se dá na interação com o outro podemos perceber que a construção coletiva do poema a aprendizagem deu-se de forma em grupo e que tais atividades permitem aos sujeitos negociar e (re)pensar propostas e saberes diferenciados que cada um tem. Durante as aulas podemos perceber que há momentos em que há discussões entre os alunos para negociar o que escrever no poema e que a professora, nessa atividade, tem o papel de mediadora entre linguagem e alunos e entre os alunos.

Lerner (2004) ao falar do processo das atividades sistematizadas aponta que o ato de sistematizar um conteúdo está sob função do educador. Aponta que o professor deve propor aos alunos uma situação problema para que os alunos a resolvam. Desse ponto de vista, pode-se dizer que caberia ao professor a tarefa de propor uma atividade que permita aos alunos pensar sobre essa situação problema para que juntos chegassem a um resultado, este seria o resultado de uma prática sistematizada. Isso sem dúvida não é uma tarefa fácil, pois é preciso levar em consideração os diferentes saberes tanto do professor quando dos alunos, os materiais didáticos e as condições de produção que os sujeitos têm naquele contexto em que estão inseridos.

Na aula do dia 29/05/15 a professora faz uma revisão oral dos tipos de substantivos que eles haviam estudado até então. Em seguida, eles vão aprender duas novas classificações – concreto e abstrato. O momento de estudo dessas duas novas classes gramaticais são o foco para discussão neste momento.

(...)

Professora: E agora... pra complicar um pouquinho mais na cabecinha de vocês, vem o substantivo concreto e o abstrato.

Daniela: Que?... A, Al...

Daniilo: Ô pro, ainda existe mais?

Professora: Hoje nós vamos fazer o contrário... Antes a gente fazia primeiro o conceito, e aí dePO:is a gente colocava exemplos... Eu coloquei exemplos, pra vocês verem e tentarem me dizer que tipo de substantivo é o concreto, e que



tipo de substantivo é o abstrato. Então tá... Vamo lá! Pode tentar... Observa aqui, ó... O concreto como exemplo tem: penal, bola, abraço, camiseta, cadeira. E como abstrato tem: coragem, namoro, ira, saudade e loucura.

(...)

Gabriela: Concreto é a gente poder sentir na mão, assim... a gente poder encostar assim...

Professora: Sente com o tato, então?

Gabriela: Sim.

Professora: Bom... então a gente vê e pega.

Daniela: Eu tava observando ali, e o abstrato tem mais a ver com a pessoa né?

(...)

Professora Parabéns! Então o que eu consigo ver, perceber com os órgãos dos sentidos, é substantivo...

Danilo: Concreto!

Professora: Concreto. O penal, eu consigo ver, pegar... Certo?

Grupo de alunos: Si::m

Professora: Isso! Aqui dez, parabéns, atingiram exatamente o que a gente precisava. Aqui... O que seria abstrato? Ana...

Ana Carolina: Tipo assim, é uma coisa que a gente não vê, por exemplo coragem... a gente não vê coragem.

Danilo: Sentimentos, pró?

Professora: Sentimentos... Um sinônimo pra eu colocar aqui pra complementar nossa definição: são sentimentos, nossos ou nossas...

Miguel: Tristeza?

(...)

Com essa situação de interação na qual os alunos também vão construindo coletivamente entre si e com a professora vemos que são estratégias metodológicas recorrentes na prática da professora em sala de aula. Nas falas da professora fica perceptível que ela vai instigando os alunos a pensarem e construir o conceito para cada substantivo. Já ao começar seu diálogo com os alunos ela diz: **“E agora... pra complicar um pouquinho mais na cabecinha de vocês.”** Aponta que será um desafio, subentendemos que ela aponta como um desafio e que eles terão que raciocinar para a atividade proposta. No final da situação de interação apresentada a professora ao dizer **“Um sinônimo pra eu colocar aqui pra complementar nossa definição (...)”** está buscando que alunos ampliem e ativem seus conhecimentos lexicais.

Em um momento posterior à aula durante um diálogo entre pesquisador e professora regente o pesquisador fez um questionamento do porquê ela não dá o conceito a ser estudado pronto para que os alunos copiassem, como



geralmente vemos no cotidiano escolar. Ela comentou que isso de dar algo pronto para os alunos não os tornará um sujeito reflexivo (ainda segundo a professora não reflexivo só nos conteúdos escolares, mas sim reflexivos em suas vidas e em seus contextos). Ainda sobre sua metodologia o pesquisador lhe questionou de onde vem essa prática e ela lhe responde que **vem de experiências como professora e de práticas de suas professoras quando ainda aluna**. Tardif (2002) diferencia os saberes docentes em 04 categorias – saberes da formação profissional, saberes curriculares, saberes disciplinares e saberes experienciais. No trecho acima destacado em negrito ficam marcados os saberes experiências que são aqueles advindos da própria prática do professor e os saberes da formação profissional vindos os longo de sua formação.

Compreendemos este ato como uma prática sistematizada, pois há uma negociação/ troca de saberes entre sujeitos; são momentos em que os sujeitos refletem sobre aquele determinado conteúdo; buscam seus conhecimentos de mundo e aqueles já adquiridos durante seu tempo na escola.

4. Considerações finais

Os dados trazidos para discussão mostram que a sistematização dos conhecimentos linguísticos é um processo complexo por envolver diferentes saberes e modos de interação por parte dos participantes dos eventos de letramento em relação aos recursos e atividades neles envolvidos.

Em suma, quando o professor assume a posição de agente de letramento, acaba por adotar uma cultura diferenciada de aprendizagem, que é identificada por ecos de natureza coletiva, voltada para o desenvolvimento da articulação cognitiva e social dos alunos.

Assim, esse profissional exerce papel de mediação das práticas letradas vivenciadas por seus alunos, bem como papel de planejamento e organização de atividades de ensino e aprendizagem dos gêneros textuais que se fazem necessários para sua participação nessas práticas e em sociedade.



Durante as situações apresentadas é possível ver um movimento entre os sujeitos ali envolvidos para chegar a uma compreensão.

Logo, podemos chegar à conclusão de que é fundamental que o professor oportunize situações significativas, com estratégias que mobilizem os alunos na realização de atividades favoráveis à organização e decisão coletiva, chamando os alunos a colocarem-se de forma ativa, crítica e reflexiva em seus processos de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora: 1994.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. tradução: Joice Elias Costa. -3.ed. - Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.
- KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- LERNER, D. O livro didático e a transformação do ensino da língua. In BATISTA, A. A. G.; COSTA VAL, M. da G. (Orgs.), **Livros de alfabetização e de português**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- ROJO, R. H. **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: Parábola, 2000. 261 p.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- STREET, Brian. **Letramentos Sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.